



EDITORIAL

Quando editores de periódicos científicos se reúnem, depois de passar pelos indexadores internacionais e pela dificuldade para financiar publicações¹ – para não falar no Qualis-CAPES –, o assunto termina sempre, de forma mais ou menos melancólica, no seguinte veredicto: em nossa época, o editor de periódicos é, por fim, mais um gestor da avaliação e menos um cientista que está em posição de arbitrar e, especialmente, de defender posições.

A grande vantagem desse “perfil de gestão” (epíteto ambíguo) é que, teoricamente, acabou-se a figura do editor-ditador, do editor-prima-dona, que publica o que, como e quando quer, em função dos seus interesses e de seu grupo. Em suma, temos uma magra esperança de mais transparência e de mais organicidade e legitimidade na relação entre campo científico e periódico. A grande desvantagem reside na falta de autonomia do editor para impedir certos desastres que sua consciência acusa e para organizar números temáticos ou, simplesmente, números que sejam mais equilibrados do ponto de vista qualitativo. A voz dos pareceristas sendo divina, ou quase, o editor, perfeito hipocondríaco do mal alheio, clama sempre por mais e mais avaliações.

Indo um pouco mais longe nas metáforas, pode-se dizer que o editor, segundo a concepção em voga, é um presidente de associação de pescadores um pouco distante. Ainda que teça a rede e prepare as iscas, pouco pesca – embora encomende, acusam alguns. Ele cria condições para que seus associados pesquem e cuida para que o material pescado seja conforme: bom desenvolvimento, objetivos brilhantes, boas escamas metodológicas. Uma prerrogativa importante tem esse editor-pescador-mor: ele põe os peixes e os pescadores certos em contato. Dois ou mais pescadores são os guias de seu juízo. No final, aquilo que lhe cabe é a decisão da apresentação ou da preparação: explicar e valorizar o que se pescou. E, então, em socorro ao editor-pescador, vem um gênero áspero, pelo que tem de ligeiro e trivial, e, ao mesmo tempo, decisivo: o editorial, tribuna silenciosa da ciência.

Comprometidos com nossa associação de pareceristas-pescadores e convencidos da qualidade do pescado, apresentamos aos leitores o resultado da última grande pesca de 2013: o vol. 11, n. 2, dos Cadernos de Semiótica Aplicada. Abrimos este número com dois artigos que exploram diferentemente uma grande e muitas vezes negligenciada vocação da semiótica: a sua contribuição para o ensino. Eis a proposta de “Diálogos acadêmicos, interações digitais”, de Luiza Helena Oliveira da Silva, e “Da análise semiótica à aula de leitura: o percurso gerativo no contexto escolar”, de Sonia Merith-Claras. No artigo de Silva, o foco é a natureza da interação entre sujeitos do conhecimento em ambientes virtuais de aprendizado e troca acadêmica. No de Merith-Claras, a ênfase recai no valor heurístico do clássico modelo gerativo para o aumento da competência do leitor em idade escolar.

A seguir, agrupamos três trabalhos que têm, guardadas as devidas proporções, algumas características semelhantes: “A corrida atrás do objeto: os antissujeitos átono e tônico”, de

¹ Graças ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr/UNESP, a quem somos gratos, não conhecemos essa dificuldade no momento de assegurar a preparação desta edição.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

Carolina Tomasi, “O conceito de geração e a emergência sensorial do sentido”, de Rubens César Baquião, e “O conceito de conotação em Greimas”, de Lucas Shimoda. Os três trabalhos consistem em explorações de caráter teórico: revisão conceitual, no caso de Tomasi, reavaliação epistemológica, no caso de Baquião, e inventário de definição, no caso de Shimoda. Ora, o interesse pela teoria, em nosso tempo demasiadamente escorrido, é prática das mais saudáveis. Saudamos o fato de os três artigos serem contribuições de estudantes de pós-graduação, saudação significativa, é verdade, tanto pelo fato de não haver pesquisadores doutores neste número que abordem questões puramente teóricas (onde estão nossos doutores epistemólogos?), quanto pelo fato de muitas revistas que ocupam as primeiras posições na avaliação nacional não aceitarem submissões de autores que não possuam título de doutor. Triunfo da razão sobre o regulamento implícito, a ciência parece ignorar títulos acadêmicos.

A mídia, como de hábito, prestou-se a diferentes e relevantes análises nesta edição. Em “Possibilidades de significação de cor em imagens *on-line*: recontextualização do discurso científico e interdiscursividade”, de Fatima Andreia Tamanini-Adames, “A relação polêmica entre os conceitos de solidariedade e competitividade na prática discursiva sobre a responsabilidade social empresarial”, de Laura Daniela Miranda de Queiroz, e “A TV do Bispo: a lógica religiosa na novela *Vidas em jogo*”, de Alexandra Robaina dos Santos e Silvia Maria de Sousa, temos distintas abordagens teóricas do discurso para analisar o modo como a mídia, digital ou televisual, jornalística, institucional ou ficcional, constrói significações partilhadas por uma mesma e ideal comunidade de leitores, sendo produzida segundo certo consenso.

No cruzamento da mídia e da arte, temos os artigos “*Fallen princesses*: uma análise semiótica”, de Francisco Wellington Borges Gomes e Maria do Livramento da Silva Dias, e “Da literatura ao cinema: os diálogos interartísticos em *Le fabuleux destin d’Amélie Poulain*”, de Ana Paula Dias Rodrigues, que propõem explorações de tipo inter e intradiscursivos por meio de metodologias distintas.

Para encerrar o presente número, reunimos artigos que tratam de contos, dos contos de fadas à literatura contemporânea, como em “Valores e efeitos passionais em jogo em ‘A roupa nova do rei’: uma análise semiótica”, de Suany Oliveira Moraes, “Os programas narrativos de ‘A carne do metrô’, conto de Rodrigo Lopes de Barros: do mais menos ao mais mais”, de Milton Francisco, “Em busca da infância perdida em ‘A volta do campeão’”, de Eunice Prudenciano de Souza, e “A configuração passional da cólera no conto ‘Depois da aula’, de Luiz Vilela”, de Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello. Estes dois últimos trabalhos, coincidentemente, exploram o universo ficcional de Luiz Vilela, permitindo ao leitor familiarizar-se com a análise semiótica da obra do escritor mineiro, já estudada por pesquisadores como Wania de Sousa Majadas e Rauer Ribeiro Rodrigues, entre outros.

Da mesma forma como um leitor contumaz um dia confessou-nos nunca ter lido um prefácio, imaginamos que muitos atores da ciência e da academia poderiam dizer o mesmo da leitura de editoriais de periódicos científicos. Tão relevante no domínio jornalístico, ainda que se denuncie seu aspecto institucional, o editorial no contexto do periódico científico é um gênero subestimado. Àqueles que nunca leram ou chegaram ao fim de um editorial, dedicamos este e tantos outros editoriais, testemunhos da atividade de editor, registros do fazer científico de uma época.

Limoges, inverno de 2013.

Jean Cristtus Portela
Editor responsável

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>